



## REPRESENTATIVIDADE E RESISTÊNCIA: a trajetória de um professor negro na liderança sindical e na luta por uma educação antirracista

Leandro de Souza SILVA (UFGD-PPGEdu/CNPQ) <sup>□</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as relações entre representatividade negra, formação docente e atuação sindical, a partir da trajetória de um jovem negro, professor, que ocupa atualmente uma posição de liderança em uma organização de trabalhadores da educação em um município do estado de Mato Grosso do Sul. A análise parte da transcrição de uma entrevista semiestruturada realizada no contexto de uma pesquisa qualitativa, com ênfase na perspectiva da educação antirracista, do letramento racial e das políticas públicas de equidade. O relato evidencia os desafios enfrentados por profissionais negros para acessar e ocupar espaços de liderança, os enfrentamentos ao racismo institucional mesmo em estruturas voltadas à promoção de justiça social e a importância da formação acadêmica e das ações afirmativas nesse processo. O entrevistado destaca o papel da graduação como marco na construção da identidade racial e na apropriação crítica de uma consciência antirracista, além de sua atuação sindical como espaço estratégico para o avanço de pautas étnico-raciais. Conclui-se que a presença de sujeitos negros em espaços de decisão e militância sindical tem impacto direto na formulação de políticas inclusivas, sendo a educação um instrumento essencial para a transformação estrutural. A análise sugere a necessidade de ampliar e fortalecer políticas institucionais que garantam a diversidade e a justiça social nos ambientes institucionais.

**Palavras-chave:** Educação; Juventude Negra; Sindicalismo.

### 1 Introdução

A presença de pessoas negras em espaços de liderança no campo educacional e institucional permanece uma exceção em um país profundamente marcado pelo racismo estrutural e institucional. A sub-representação racial em

---

<sup>□</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados-MS (lelesouzasilva7@gmail.com).

Realização:



Apoio:





posições de liderança e decisão não é apenas reflexo de desigualdades históricas, mas também expressão cotidiana das barreiras sociais e simbólicas que limitam a mobilidade e a visibilidade de sujeitos negros nos diversos espaços institucionais.

Por outro lado, trajetórias e experiências que rompem essa lógica de exclusão e invisibilidade têm se tornado cada vez mais potente, configurando se como sujeitos de resistência, elaboração identitária e autores na construção de práticas e políticas antirracistas, tornando-os assim sujeitos de representatividade.

Neste contexto, o presente trabalho busca refletir sobre os sentidos e os desafios da representatividade negra a partir da trajetória de um jovem negro, professor, atualmente diretor-presidente de um sindicato de trabalhadores em educação de um município do estado de Mato Grosso do Sul.

A investigação de abordagem qualitativa e utiliza como principal instrumento uma entrevista semiestruturada, cuja análise busca identificar aspectos relacionados às estratégias utilizadas pelo entrevistado para o enfrentamento ao racismo estrutural/institucional, que o fez ter alcançado esse espaço de poder.

Para isso, a continuidade deste trabalho está organizado em três seções da seguinte maneira: inicialmente, apresenta um referencial teórico sobre representatividade negra, racismo estrutural, lugar de fala. Em seguida, descreve-se a metodologia adotada e a análise do conteúdo entrevista à luz das categorias elencadas. Por fim, apresentam-se as considerações finais e achados da pesquisa.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de adentrar a análise da experiência do entrevistado, é necessário apresentar os marcos teóricos que sustentam a leitura das categorias em foco. Esta



seção é dedicada a discutir três eixos fundamentais para a compreensão da trajetória analisada: a representatividade negra e o lugar de fala em espaços de liderança; o racismo estrutural e institucional com ênfase no campo educacional e sindical; e, por fim, a formação como prática antirracista.

## **2.1 Representatividade negra e lugar de fala em espaços de liderança**

A representatividade de pessoas negras em espaços de liderança é resultado de disputas históricas e políticas por visibilidade e reconhecimento. Segundo Carneiro (2003), a ausência da população negra nos espaços de poder não é acidental, mas estruturada por um projeto de sociedade que instituiu o “outro” — o negro — como o não-sujeito.

A filósofa Ribeiro (2017) reforça essa perspectiva ao discutir o conceito de lugar de fala. Para ela, pessoas negras, especialmente mulheres, foram historicamente silenciadas, e suas experiências têm sido negadas enquanto fonte legítima de conhecimento. Assim, o reconhecimento das experiências de sujeitos negros em espaços de liderança não apenas rompe com uma lógica colonial de exclusão, como também potencializa outras formas de produzir e legitimar saberes.

Nesse contexto, a presença de um jovem negro, professor, em posição de liderança institucional e sindical possibilita tensionar as estruturas de poder e afirmar a centralidade das pautas étnico-raciais na luta por justiça social.

## **2.2 Racismo estrutural e institucional no campo educacional e sindical**

A categoria “racismo estrutural” conceituada por Almeida (2019) é fundamental para compreender os obstáculos enfrentados por pessoas negras na educação e no trabalho. Conforme o autor, o racismo no Brasil não se restringe a

Realização:



Apoio:





atos individuais, mas constitui um conjunto de práticas institucionalizadas que reproduzem desigualdades em todos os níveis da sociedade. Essas estruturas operam tanto nas instituições estatais quanto nas organizações da sociedade civil, inclusive nos sindicatos e entidades ditas como progressistas.

Ou seja, mesmo em espaços de organização coletiva e luta por direitos — como os sindicatos de trabalhadores da educação —, é observado a reprodução de práticas racistas e o predomínio de lideranças brancas.

A crítica feita por Munanga (2005) ao mito da democracia racial revela como esse discurso contribuiu para a invisibilização do racismo e dificultou sua denúncia e enfrentamento. Ao considerar que o racismo no Brasil é “velado” ou “camuflado”, naturaliza-se a ausência de pessoas negras em cargos de gestão, mesmo em ambientes que se dizem comprometidos com a equidade.

### **3. TRAJETÓRIA, REPRESENTATIVIDADE E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE LIDERANÇA NEGRA SINDICAL**

Esta seção apresenta a análise empírica construída a partir da entrevista realizada. A trajetória do entrevistado é mobilizada como campo de interpretação das tensões, desafios e possibilidades que envolvem a construção da representatividade negra em espaços institucionais tradicionalmente ocupados por sujeitos brancos.

#### **3.1 Percurso metodológico e perfil do entrevistado**

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa com base na entrevista semiestruturada como principal instrumento de investigação. A coleta de dados



ocorreu em Dourados-MS no ano de 2025, tendo como participante um jovem negro<sup>1</sup>, de 34 anos, professor, graduado em História por uma universidade pública, atuante na rede estadual de ensino e, atualmente, diretor-presidente de um sindicato de trabalhadores em educação em um município do estado de Mato Grosso do Sul.

A entrevista foi autorizada previamente e transcrita integralmente para análise de conteúdo, conforme proposta de Bardin (2011), a partir da identificação de categorias temáticas: formação e consciência racial, enfrentamento ao racismo institucional, representatividade negra na gestão sindical e o papel da educação antirracista. A escolha desse sujeito justifica-se pela relevância de sua trajetória, que articula docência, liderança política e ativismo racial, configurando-se como uma experiência potente de resistência e transformação.

### 3.2 A formação universitária e o despertar da consciência racial

A formação acadêmica do entrevistado foi determinante para o seu reconhecimento como sujeito negro e para sua inserção em pautas étnico-raciais. Ele destaca que foi somente na universidade que pôde acessar debates críticos sobre identidade racial e compreender o funcionamento do racismo estrutural:

“Mesmo na família, nós não conseguíamos fazer um debate sobre identidade racial. Esse debate eu fui ter acesso, compreender o que é o racismo, compreender o que é uma identidade racial, já na universidade. (...) Essa consciência se aprofunda através da graduação.” (ENTREVISTADO, 2025, p.01)

---

<sup>1</sup>A identidade do entrevistado foi preservada neste trabalho, em conformidade com os princípios éticos da Resolução CNS nº 510/2016. Embora tenha sido obtido Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com autorização para uso das informações, optou-se pelo anonimato do participante para garantir maior proteção ética e integridade da análise.



Esse relato corrobora as análises de Gomes (2017), ao afirmar que a universidade pode ser o espaço propício à construção de identidades étnico-raciais críticas e engajadas. Ainda que o entrevistado não tenha ingressado pelo sistema de cotas, ele reconhece a importância das ações afirmativas e da ampliação do acesso ao ensino superior:

“Eu venho num arcabouço de políticas afirmativas... Eu cito na minha história o grande período de ampliação das vagas nas universidades e o governo trabalhando para que uma população mais pobre pudesse acessar o ensino superior.” (ENTREVISTADO, 2025, p.02)

Durante a entrevista, o professor relatou que sua consciência racial e o reconhecimento enquanto sujeito negro se consolidaram no ambiente universitário.

Ele afirma:

“Mesmo na família, nós não conseguíamos fazer um debate sobre identidade racial. Esse debate eu fui ter acesso, compreender o que é o racismo, compreender o que é uma identidade racial, já na universidade.” (ENTREVISTADO, 2025, p.02)

Esse relato evidencia o papel da universidade como espaço formativo e político, onde sujeitos negros passam a elaborar criticamente suas experiências e a construir uma identidade racial comprometida com a transformação social.

A atuação sindical do entrevistado teve início por meio da participação em uma pasta voltada à diversidade étnico-racial, sendo esse espaço a porta de entrada para sua posterior eleição à presidência do sindicato. No entanto, ele reconhece que o racismo também opera nas estruturas sindicais:

O (Entrevistado, 2025, p.03) ressalta que “Mesmo as entidades sociais, com visão social, elas também reproduzem na sua estrutura mecanismos de racismo,

Realização:



Apoio:





né? Racismo, machismo (...)”, essa fala dialoga com o conceito de racismo institucional de Almeida (2019), que demonstra como as práticas excludentes estão presentes mesmo em espaços progressistas.

### 3.3 Liderança e práticas de enfrentamento ao racismo

Ao ser questionado sobre os desafios enfrentados na condição de líder negro, o entrevistado destaca que o enfrentamento ao racismo é constante, mesmo dentro de uma instituição sindical: (Entrevistado, 2025, p.03) “É claro que não há um lugar em um espaço livre de preconceitos, então tem alguns enfrentamentos que a gente faz que não faríamos se fôssemos pessoas brancas.”

Sua atuação na presidência tem sido marcada por ações que visam garantir representatividade e políticas internas inclusivas, como a ocupação de determinadas pastas por sujeitos pertencentes aos grupos a que se referem: “Essas pastas não podem ser ocupadas por outras pessoas que não sejam representantes da área. Então... hoje a gente tem grandes lideranças indígenas dentro da direção do sindicato.” (Entrevistado, 2025, p. 03)

O mesmo ainda reafirma a centralidade da educação como meio para enfrentamento do racismo e construção de um projeto de sociedade mais justo:

“A educação antirracista é fundamental para que a gente consiga fazer esse debate na base da sociedade. (...) Nós entendemos que a educação é o caminho para as grandes transformações que a sociedade precisa fazer.” (Entrevistado, 2025, p.03)

Essa visão se alinha à pedagogia freireana (FREIRE, 1996), reafirmando a escola como espaço privilegiado de conscientização e mobilização social.

Realização:



Apoio:





A partir das dimensões analisadas, é possível organizar de forma sistematizada as principais categorias emergentes da entrevista, articuladas com os referenciais teóricos mobilizados, com trechos significativos do relato do entrevistado e com os principais achados da pesquisa.

O quadro a seguir busca apresentar de maneira didática essa articulação entre os dados empíricos, os aportes teóricos e as interpretações produzidas no processo analítico.

Quadro 1 – Categorias analíticas, referências teóricas, falas do entrevistado e achados da pesquisa

<b>Categoria</b>	<b>Fala do entrevistado</b>	<b>Referência teórica</b>	<b>Achado da pesquisa</b>
Formação e consciência racial	“Esse debate [racial] eu fui ter acesso, compreender o que é o racismo, compreender o que é uma identidade racial, já na universidade.”	Ribeiro (2017, p.47): “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo”.  Gomes (2005, p.51): Especialmente nas escolas e universidades, que são os ambientes propícios à discussão deste tema, dentre outros tão caros à sociedade brasileira.	A universidade pública aparece como espaço decisivo para a construção da consciência racial do entrevistado e sua identificação como sujeito negro crítico.
Racismo institucional	“Mesmo as entidades sociais, com visão sociais, elas também reproduzem na sua estrutura mecanismos de racismo, né? Racismo, machismo...”	Almeida (2019, p.22): “[...] é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios [...]”  Munanga (2005): “O racismo estrutural opera de forma oculta, sem que muitos se deem conta.”	O racismo institucional está presente mesmo em estruturas progressistas como os sindicatos, dificultando o acesso de pessoas negras à liderança.
Representatividade	“Essas pastas não podem ser ocupadas	Ribeiro (2017): “É preciso ocupar os espaços de decisão para que	A liderança negra é usada

Realização:

Apoio:





	por outras pessoas que não sejam representantes da área... temos grandes lideranças indígenas dentro do sindicato."	as demandas negras sejam ouvidas."  Freire (1996): "A educação deve ser transformadora e emancipadora."	estrategicamente para garantir que as pautas étnico-raciais sejam protagonizadas por sujeitos dos próprios grupos.
Educação como ferramenta de transformação	"A educação antirracista é fundamental para que a gente consiga fazer esse debate na base da sociedade."	Freire (1996): "A educação é a prática de liberdade."  Gomes (2017): "A educação é um campo de luta para a construção de um novo projeto de sociedade."	A educação é compreendida como instrumento político-pedagógico para transformação social e combate ao racismo.

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do entrevistado revela como a articulação entre formação universitária, consciência racial e engajamento sindical pode constituir uma potente estratégia de resistência e transformação. Sua presença em um espaço historicamente ocupado por lideranças brancas demonstra a importância das ações afirmativas, do letramento racial e da construção de políticas institucionais inclusivas.

A análise da entrevista evidencia que, mesmo dentro de organizações voltadas à defesa de direitos, como os sindicatos, o racismo institucional ainda impõe barreiras à presença negra nos espaços de decisão.

O estudo reforça a urgência de ampliar a formação de professores com enfoque nas relações étnico-raciais, bem como fortalecer os mecanismos internos de equidade dentro das instituições. A educação antirracista não é apenas um dever



legal, mas um imperativo ético diante das desigualdades históricas que atravessam a sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), 2005. p. 39-62.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Realização:



Apoio:

